



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

CARTOGRAFIA DE PESQUISAS EM PROCESSO - PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM CAMPO EXPANDIDO – TRABALHO DE CAMPO, IMERSÕES, ITINERÂNCIAS, AÇÕES EM TEMPO REAL

CORPO FRONTEIRA: BREVE CARTOGRAFIA DE UM PROCESSO DE PESQUISA ENTRE A DANÇA E A SAÚDE MENTAL.

BRUNA MARTINS REIS

REIS, Bruna Martins. **Corpo Fronteira: breve cartografia de um processo de pesquisa entre a dança e a Saúde Mental.** Campinas: UNICAMP. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena; doutorado em Artes da Cena; orientação: Cassiano Sydow Quilici.

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que propõe uma reflexão sobre um modo de intervenção artística no campo da Saúde Mental. Situa-se na intercessão entre dança e clínica, considerando ambas as práticas como disparadores de experiências e dispositivos para a criação de estratégias de invenção de si e invenção de modos de existência. Nesse sentido, tal pesquisa se propõe a fazer uma cartografia dos processos criativos experimentados nesta prática/intervenção, explorando alguns procedimentos da dança com referências na técnica Klaus Vianna, buscando investigar as reverberações desta experiência como possíveis condutoras a outros territórios corporais e subjetivos, tentando apreender as sutilezas deste trabalho naquilo que o faz mais delicado: a possibilidade de criar outros corpos para habitar a loucura, além de afirmar outros modos de cuidar no contexto da Saúde Mental. Pretende-se articular a discussão desta prática como campo expandido das artes performativas por compreender que tal experiência permite explorar um modo

- 467 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

de fazer/pensar a prática da dança no contexto social, produzindo processos criativos implicados na produção de si como arte do vivido.

Palavras Chave: Dança: Saúde Mental: Processo criativo: Técnica Klaus Vianna.

Resumen

Este trabajo hace parte de una investigación de doctorado que se encuentra en curso, la cual plantea una reflexión sobre uno de los modos de intervención artística en el campo de la Salud Mental; es situada en la intersección que se da entre danza y clínica, considerando ambas prácticas como impulsoras de experiencias e instrumento para la creación de estrategias de descubrimiento de sí y de modos de existencia. En este sentido, tal investigación propone hacer una cartografía de los procesos creativos experimentados en esta práctica/intervención, explorando algunos procedimientos en danza con referencias en la técnica Klaus Vianna; busca investigar las repercusiones de esta experiencia como posibles conductores a otros territorios corporales y subjetivos, intentando captar las sutilezas de este trabajo en aquello que lo hace delicado: La posibilidad de crear otros cuerpos para habitar la locura, además de afirmar otros modos de cuidar en el contexto de la Salud Mental. Por consiguiente, se pretende articular la discusión de esta práctica como campo expandido de las artes performáticas al comprender que tal experiencia permite explorar un modo de hacer/pensar la práctica de la danza en el contexto social, produciendo procesos creativos implicados en la producción de sí como arte de lo vivido.

Palabra claves: Danza: Salud Mental: Proceso creativo: Técnica Klaus Vianna.

Résumé

Ce travail est une part d'une recherche d'un doctorat en cours, qui propose une réflexion sur un mode d'intervention artistique dans le domaine de Santé Mentale. Il se situe à l'intersection entre la danse et la clinique, en considérant les deux pratiques qui ont entraîné des expériences et des dispositifs de création de stratégies d'invention de soi et l'invention de modes d'existence. Dans ce sens, on propose de faire une cartographie de processus créatifs expérimentés dans cette

- 468 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

pratique/intervention, en explorant quelques procédures de danse, comme références dans la technique Klauss Vianna, en cherchant à investiguer les réverbérations de cette expérience comme possibles conducteurs à d'autres territoires corporels et subjectifs et, en essayant d'apprendre les subtilités de ce travail en quoi il est considéré le plus délicat : la possibilité de créer d'autres corps pour habiter la folie, au-delà d'affirmer d'autres modes de soins dans le contexte de Santé Mentale. Nous prétendons nous articuler sur la discussion de cette pratique comme terrain étendu des Arts performatifs pour comprendre que telle expérience permet d'explorer un mode de faire/penser à la pratique de danse dans le contexte sociale, produisant des processus créatifs impliqués dans la production de soi comme art du vécu.

Mots clés: Danseuse : Santé Mentale : Processus créatif : Technique Klauss Vianna.

Este trabalho traz um breve relato de um processo de pesquisa de doutorado em andamento no corpo e no âmbito acadêmico, sob o nome de "Corpo fronteira: dança e loucura em estados de criação". Desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da UNICAMP, essa pesquisa procura fazer uma discussão sobre um modo de intervenção artística no campo da Saúde Mental, trazendo reflexões acerca da prática de uma oficina de dança realizada em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Serviço Público de Saúde Mental destinado ao tratamento e a reabilitação psicossocial de portadores de transtornos mentais graves¹.

A discussão desta prática se articula como campo expandido das artes performativas por compreender que tal experiência permite explorar um modo de fazer/pensar a prática da dança no contexto social, produzindo processos criativos implicados na produção de si como arte do vivido. Neste percurso, me proponho a pensar a experiência da dança como disparadora de processos de subjetivação que podem desencadear na criação de outros planos de vida.

Tentarei expor nesse esboço cartográfico, alguma trilhas percorridas na pesquisa até o momento, buscando levantar certos aspectos das vivencias dessas danças

- 469 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

desenvolvidas com os usuários do CAPS. Abrindo a discussão acerca de um “fazer em dança” que é, também, um fazer psíquico e subjetivo, que pode permitir a construção de outros modos relacionais, ampliando possibilidades de movimentos de presença e de vida; apostando na desconstrução de modos corporais habituais como condição para acessar outros registros perceptivos, e assim, criar outros territórios subjetivos.

Abordarei algumas inquietações, provocações e descobertas dessa cartografia ainda em processo, explicitando algumas questões relacionadas à prática dessa pesquisa e sua relação com a Técnica Klauss Vianna; os contornos criados com a metodologia cartográfica e algumas materialidades das criações subjetivas já vislumbradas. Pistas que permitem, de modo ainda precário, falar com essa pesquisa.

Primeira trilha: guias metodológicas ou as premissas do caminhar

“Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações”(BARROS e KASTRUP in. PASSOS et. al, 2010, p. 58)

Como guia desse percurso, as referências do método da cartografia tem funcionado como um dos dispositivos para a construção das materialidades do vivido. Na tentativa de acompanhar do processo da pesquisa como um processo criativo da escrita e de modos de visibilidade de um trajeto de acionamento de forças, as vezes visíveis e muitas vezes invisíveis.

Conforme Passos e Barros (2010) a cartografia pode ser pensada como método de pesquisa-intervenção, no qual os resultados são menos importantes que o processo, posto que as metas só podem ser conhecidas ao longo do caminhar. Deste modo, a pesquisa se concretiza com o mergulho no plano da experiência, plano esse que pode ser compreendido como o próprio movimento do pesquisar, e sobretudo como a

- 470 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

criação dos modos de fazer dessa intervenção. Assim os saberes se constroem no fazer, as metas são dadas pelas materialidades encontradas no trajeto e o plano a pesquisa é reinventado no traçado das linhas que o compõe, em uma rede de agenciamentos mobilizados pelos fazeres e seus encontros.

Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção (PASSOS e BARROS, 2010, p. 31)

Para Barros e Kastrup (2010, p.56), pode-se pensar a cartografia como o “desenvolvimento de práticas de acompanhamento processos inventivos e de produção de subjetividade”. Construída singularmente como um conjunto de premissas éticas que sustentam a pesquisa como prática de criação, nas quais estão implícitas uma série de recursos que requerem um rigor sensível para apreender as formas e as forças que compõe um plano de experiência. Nas palavras dos autores “a cartografia como método é o traçado do plano da experiência, acompanhando seus efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento) do próprio percurso da investigação”(PASSOS e BARROS, 2010, p. 18).

Trata-se então de uma perspectiva onde não há neutralidades do conhecimento ou do lugar do pesquisador, a pesquisa intervém sobre a realidade sem representa-la, recriando e ampliando suas bordas à medida em que se constrói uma relação de implicação. Intervir passa a ser um exercício que consiste em “mergulhar no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e de quem é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes”(IDEM, p. 25) .Tal implicação enquanto exercício leva-nos a criar um rigor necessário nesse caminhar, sendo que implicar-se é estar atento e aberto, buscar uma precisão que está mais ligada ao compromisso e ao interesse em perder-se dos arranjos preestabelecidos para encontrar os contornos que se esboçam. Desfazer a expectativa das soluções convencionadas para tatear as soluções criadas. Aceitar a

- 471 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

diversidade dos territórios em construção nas múltiplas realidades envolvidas nesse plano de experiência.

A partir deste sobrevoo sobre algumas nuances da prática cartográfica, pousaremos nossa atenção novamente no percurso dessa pesquisa em andamento, na qual o esforço na manutenção de uma atenção de cartógrafo tem se dado como fundadora desse campo implicacional. Uma atenção que busca estar aberta ao plano sensível dos acontecimentos e às reconfigurações do território de observação, dinâmica que encarna as crises e as desestabilizações no percurso como parte fundamental para escuta do que se apresenta. Uma atitude investigativa que não permite acomodações mais que temporárias e se deixa afetar pelos incômodos como atualizações do território de pesquisa habitado.

Para tanto, fez-se necessário pensar estratégias que sustentem tais dinâmicas, tornando-as visíveis e dando margem para suas decantações. Neste ponto, lançar mão de instrumentos para acompanhar o trajeto e seus desvios torna-se uma necessidade e surgem assim os diários de pesquisa, utilizados para registros dos movimentos provocados no corpo pesquisadora e no corpo coletivo que a acompanha. Construídos como duas linhas de fazer ver e falar o plano da experiência os instrumentos aqui empregados se dividem do seguinte modo:

- 1) Diário de vivências: caderno utilizado para registro dos participantes da oficinas de dança no CAPS, no qual, após cada oficina, os participante podem realizar seus registros individualmente, tentando expressar sensações, percepções, memórias entre outras intensidades do vivido naquele encontro.
- 2) Diário de Implicação: caderno pessoal utilizado como diário das inquietações, percepções, sensações, descobertas, crises e sistematizações da pesquisadora.

Ambos vem sendo utilizados desde o início da prática das oficinas, em novembro de 2015 e tem se apresentado como um marcador imprescindível das ondulações desse trilhar. É principalmente através dos diários que tem sido possível vislumbrar reverberações do processo em curso e sobretudo, tatear alguns modos de expressar que falam do lugar onde essa pesquisa está inserida: o universo das loucuras.

- 472 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

A partir dos diários pode-se visualizar um certa narratividade que se aproxima do modo de proceder desses sujeitos, suas não linearidades e suas variações conferem à escrita também um caráter de zonas de contorno temporárias em meio à turbulência. Zonas de sentido num mosaico de conjunções subjetivas que constituem essa cartografia.

Importante esclarecer que as oficinas são ministradas por mim e ocorrem semanalmente no CAPS, com duração de 2 horas (uma vez por semana), sendo abertas a todos os usuários deste serviço. Embora não haja um grupo fixo e fechado, alguns participantes tem regularidade semanal desde o início do processo, o que permite observar uma apropriação interessante do trabalho. Outros, menos regulares, passam pela oficina e deixam marcas, forçam o olhar do pesquisador a outros pousos e exigem uma atitude de estranhamento e espreita muito caras nesse projeto. Encontrar-se com diferenças tão marcantes faz com que o corpo/pesquisadora tenha que ampliar os poros para compreender as muitas línguas faladas, as possibilidades de comunicação, os tempos, as fragilidades, as crispações.

É preciso estar disponível para a exposição à novidade, que se a encontre longe ou na vizinhança. Trata-se de uma atitude que se constrói no trabalho de campo. É que o estranhamento não está dado, é algo que se atinge, é um processo do trabalho de campo (BARROS e KASTRUP in PASSOS et.al., 2010, p. 56-57)

É com tal disponibilidade que busca-se lapidar procedimentos práticos que acessem e acolham tamanha diversidade, é sobre tal lapidação que buscarei discorrer a seguir.

Segunda Trilha: procedimentos práticos ou uma ética do cultivo

“Qual é o corpo que dança? (...) A dança também pode estar dentro do ser, como aquela praticada pela criança com tanta espontaneidade, a dança de todos os seres humanos, os somas que querem dançar.

Há dança onde se vê dança” (MILLER, 2012, p. 149)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Os procedimentos explorados nessa pesquisa são em parte referendados principalmente pela Técnica Klauss Vianna, conforme sistematizadas por Rainer Vianna, com a colaboração de Neide Neves e Jussara Miller (2007)² mas são, também, efeito e continuidade das práticas iniciadas em minha pesquisa de mestrado³, a qual se propôs a discutir a experiência de outra oficina de dança desenvolvida entre os anos de 2009 a 2011 no mesmo CAPS.

Importante salientar que a vivência dos cursos de formação “Processo didático” e “Processo criativo” no Salão do movimento, bem como a prática continuada das aulas com Miller desde 2012 foram fundamentais para o aprofundamento nesse referencial. Prática que se constitui como um processo de cultivo de premissas do trabalho corporal como estratégias para a criação de danças, de tons, de escuta e sobretudo de uma ética da pesquisa de movimento que não se desvinculam da vida cotidiana.

É portanto, a partir de tal cultivo, que torna-se possível pensar a abordagem dessa prática como uma epistemologia de fazer corporal sensível que sustenta os fazeres artísticos, as relações acadêmicas e outras dobras possíveis dos encontros, sempre imprevisíveis, de uma prática de campo em meio à sujeitos tão extraordinariamente íntegros em sua humanidade e diferença. Diferença esta que historicamente foi nomeada de loucura.

Assim, com olhar atento e sutil me debruço à árdua tarefa de delinear modos de acessar corpos muitas vezes dispersos em seus devaneios, seus delírios, seus enrijecimentos e crispções. Corpos que vazam sua loucuras nos gestos, nas formas e/ou deformações. Corpos que foram marcados por um estigma que, entre outras coisas, quer definir àquilo que pode e que não pode o “louco” e sua experiência corporal.

Trata-se de uma busca por modos de acessá-los em seus limites e potencialidades, acordando os sentidos para uma reconexão, um aterramento ou simplesmente abrir espaços para experimentar outras possibilidades de mover-se, de sentar, caminhar, respirar, sentir o toque, abrir o olhar e reinventar a própria experiência de movimento.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Nesse ponto se coloca a necessidade de compreender essa lapidação como a invenção desses modos de acesso. As premissas e os tópicos da Técnica Klauss Vianna tem funcionado como guias norteadoras dessa invenção, ancorando a prática em procedimentos que me permitem olhar, tocar, provocar, acolher e mobilizar tais corpos em suas singularidades.

Tais premissas, constituídas principalmente a partir das referência ósseas do corpo, respaldam a leitura de necessidades corporais individuais, apontando caminhos para conquistar um reconhecimento dessas necessidades por parte de cada sujeito envolvido. Busca-se a autonomia a partir de uma anatomia do corpo sentido, através da qual também vai se construindo a consciência do movimento e outras possibilidades de expressão.

Deste modo, ao explorar os tópicos⁴ corporais: presença, articulações, peso, apoios, resistência, oposições e eixo global passa a ser mais que um método de trabalho corporal, situando-se sobretudo como modos de acessar “musculaturas de emoções” (VIANNA, 2005), além de histórias de vida, memórias e potência de criação de outras linguagens para falar de si e das relações que constrói.

A partir das referências dessas qualidades de acesso, tenho compreendido que experiências de presença são possíveis, mesmo que sutis, delicadas e quase infames, nas coisas simples como perceber o apoio dos pés ao tocar o chão no caminhar, descobrir os apoios ativos que empurram o corpo ao levantar-se do chão até o nível alto, perceber o apoio do olhar no espaço, sentir o peso do corpo no chão, mover as articulações e abrir espaços que dão ao corpo outras projeções, escolher um trajeto quando cruzo a sala, criar oposições com o outro que caminha ao seu lado, perceber que o peso do corpo pode ser usado para gerar deslocamentos, lembrar-se que a coluna é articulada e tem movimento... enfim, descobrir que o corpo pode muito mais do que o hábito.

Assim, vamos redescobrimo uma qualidade de coisas sutis que nos habitam e nos transformam a cada movimento, a cada descoberta e a cada encontro consigo, com o



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

outro e com o espaço. Cito abaixo algumas narrativas desses outros possíveis vislumbrados nessa prática, produzidas ao longo da pesquisa, todas retiradas do Diário de Vivências.

“A resistência apresentou-se com fraqueza e assim me detive um pouco e depois cooperou o corpo” (usuária do CAPS)

“A imagem e expressões foi muito didática e relacionou muita emoção em corpos e espírito”(usuário do CAPS)

“Hoje pudemos sentir o chão”(usuário do CAPS)

“Esse negócio de olhar as coisas com apoio, é o apoio do olhar parece que é como um pé que eu não tinha, quando eu olho pra frente e apoio o olhar eu ando como se tivesse outra parte do meu corpo me sustentando. É uma força que a gente desenvolve.”(usuária do CAPS)

Na Perspectiva desse trabalho há um investimento em pensar as premissas de um processo criativo em dança, que prioriza as singularidades dos corpos como condição para estabelecer trocas e acionar outros planos de ação de existência no mundo. Considerando alterações e deslocamentos nesse plano sutil, das sensibilidades, como potência de transformação micropolítica, construção de referências de presença que afirmam de uma estética relacional como condição de arte. Pensemos aqui em uma presença que se constrói em rede e que segue a esteira da estética relacional de Bourriaud

[...] uma arte [no nosso caso uma presença] que tomaria como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, mais que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado (BOURRIAUD, 2006, p.13).

Presença não como uma potência privada, um atributo individual localizável e que teria como objetivo o chamar a tenção para si; mas, sim, como efeitos de presença que são produzidos por uma porosidade relacional dos corpos num tipo de “ação em



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

ato”; uma certa escuta do fora que inclui o outro, o espaço e o tempo, na tentativa de estabelecer uma relação coletiva de jogo poético. Uma presença da composição poética de múltiplos corpos em relação de ampliação de potência e diferenciação de si. Presença como estar num presente do presente (Fabião, 2009). Efeitos de presença como zona de forças em relação, possibilidade de afetar e de ser afetado, gerando uma ampliação de ação.

No trabalho específico de investigação sobre presença, quando aborda a prática da dança, MILLER (2007) aponta a importância do simples fato de convocar cada sujeito a um estado de corpo presente, atento e em relação constante com seu espaço/tempo e com os outros corpos, criando com isso uma atenção mais refinada em todos os níveis, tanto num plano mais interno, subjetivo e perceptivo do corpo próprio, quanto num plano exterior e de atenção mais expandida; entre o que ocorre em meu corpo e o que ocorre no espaço; bem como o que ocorre entre meu corpo, o espaço e o outro. A escuta e a capacidade de transitar entre esses níveis se dá sempre como condição de composição e é exercitada de diversos modos ao longo da construção da prática em dança, seja em sala de aula ou uma oficina, seja durante a construção de uma ação cênica. Ainda segundo a autora, pode-se construir “o corpo presente por diversas estratégias e procedimentos diferenciados, cuja premissa é a escuta do corpo”(MILLER, 2012, p. 49).

Tal escuta é a base para se convidar o corpo a um estado de desmanche da relação automática, tanto de movimentos e formas/corpo cotidianos, quanto de modos perceptivos poluídos pelo excesso de formatação a que estamos expostos em nossa hiperatividade de consumo e de produção capitalística, de desejo e de necessidades de bem estar. Dessa forma a dança, conforme abordada por Miller

[...] buscar a consciência do movimento como tentativa de construir uma organicidade por intermédio do corpo presente e disponível para a expressão da dança, ou melhor, do corpo que compreende o movimento e elabora sua atenção em relação ao todo (MILLER, 2012, p. 49)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Ainda nesse sentido,

O reconhecimento do próprio corpo confere ao praticante disponibilidade corporal para sentir e lidar com o instante do momento presente; entretanto, trata-se de uma transformação gradual, que se dá pelo despertar dos cinco sentidos especiais, mediante os quais nos relacionamos com o mundo e , ao mesmo tempo, desenvolvemos e aguçamos o sentido cinestésico, que compreende a percepção do corpo no espaço e no tempo (MILLER, 2012, p. 75)

A partir dessa concepção, podemos concluir que a ação no campo perceptivo se coloca como premissa fundamental, dando contornos de um trabalho que incide diretamente no plano da subjetividade aos procedimentos artísticos (nesse caso específico, a dança), caracterizando uma espécie de revolução da percepção que coloca arte em uma zona política.

Com tais considerações e como efeito das mesmas, para além daquilo que é visível no corpo, algumas questões são mobilizadoras desse fazer: Qual o caráter disso que se produz? Quais dobras subjetivas essa prática corporal aciona? Quantas contaminações esse processo criativo reverbera na vida? Em que lugar essa criação se inscreve?

Terceira trilha: impermanências ou o plano dos processos criativos

“Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível”(DELEUZE , 1992, p. 167)

Aqui se coloca o eixo mais insipiente dessa pesquisa em curso, posto que todas as hipóteses levantadas estão em permanente mutação nesse plano de experiência, ou, naquilo que se produz nos entre-corpos e nos desejos dançados de cada encontro. Abordarei pistas daquilo que o processo permite dizer pelo meio, das criações em dança e das criações de outros modos relacionais. Das coisas que podem ser consideradas, também, processos subjetivos.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Na perspectiva desse trabalho, no qual os procedimentos da dança são propostos como disparadores de um estado de atenção e presença alterados, provocados principalmente pela condução a um estado exploratório em que movimentos cotidianos são reinventados e/ou desconstruídos para dar lugar a outras possibilidades de habitar o corpo de cada dia, pensaremos nos deslocamentos provocados e em suas reverberações. Como dito anteriormente, tais deslocamentos se iniciam por ações simples como percepção do fluxo da respiração, o toque no próprio corpo reconhecendo a ossatura, a entrega do peso, a percepção das temperaturas, o reconhecimento das articulações, o reconhecimento das tensões e das necessidades do corpo a cada encontro, entradas que buscam abrir espaços de dentro para fora até alcançar outras possibilidades de se relacionar com outros corpos.

De acordo com Miller, o corpo em estado exploratório coloca vivências internas em relação constante com o entorno, ganhando consciência do movimento ao mesmo tempo em que assume as transformações de si mesmo, emergindo um plano de criação em sensações e reverberações variadas que são incorporadas “revelando que o corpo é vestido de seus vestígios” (MILLER, 2012, p. 118).

Nessa via, nos aproximamos daquilo que Godard (2004) nomeia como esvaziamento do espaço da ação para deixar surgirem outras qualidades de relações perceptivas e ativas, considerando o trabalho no campo da percepção como principal premissa para se pensar a relação da criação. Há que se esvaziar o sentido do gesto para atingir um estado de vazio que abre um novo potencial, como tatear um pré-movimento, um espaço de suspensão que desconstrói os registros conhecidos de como e com o quê criar.

Esse esvaziamento, mesmo que temporário pode operar a outras possibilidades de composições, ancoradas sobretudo na ampliação de potencia do encontro com o corpo próprio e o entorno. Desconstruindo o hábito do gesto para adentrar em outras camadas de relações. Nesse sentido, Godart coloca: “não posso mudar o meu gesto se não mudar a relação que mantenho com o meu corpo e com o espaço através da percepção”(GODART e ROLNIK, 2004), retomamos portanto, a necessidade de



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

conceber essa prática corporal como modo cultivado de outra lógica de encontro com o corpo para ganhar outros poros, peles, ossos, olhar, escuta e abrir o potencial para ação, dissolvendo a cisão subjetiva que nos impõe um cotidiano cada vez mais atordoado de afazeres e metas, exigindo toda a energia e vivacidade em torno de processos de produção capital.

Faz-se necessário então, desmontar, mesmo que em pequenas proporções, o corpo cotidiano para dar passagem a experiência de outros fluxos de sensações, afetos, desejos e percepções, mantendo algum nível de “não forma”, investindo numa “poética da construção do homem, a partir da abertura para outras possibilidades de ser”(QUILICI, 2015, p 120).

Mas se é do corpo “louco” que falamos, de suas involuntárias desconstruções de padrões de produção, temos que olhar também para outros tipos de padrões construídos, pois, falamos de corpos que são cotidianamente apaziguados por intervenções medicamentosas e vivem às margens do acesso a diversos lugares de convívio, tendo muitas vezes suas vivências corporais empobrecidas, seja pelo uso contínuo de medicamentos por longos períodos e ou pelo próprio estado psíquico de desagregação, que acarreta uma certa ausência corporal.

Há também um certo circuito socialmente produzido, no qual a naturalização desse padrão de uso de medicamentos e seus efeitos colaterais é comum, de modo que o entorpecimento diário, o excesso de sono, o excesso de apetite, a impotência sexual, os movimentos involuntários entre tantos outros efeitos passam a fazer parte do campo das loucuras, quase como um segundo sintoma. Seja por meio das medicações psicotrópicas e/ou de outras estratégias, ao louco parece caber apenas os dispositivos para “desenlouquecer” ou amenizar sintomas, exacerbações, errâncias etc. Em nossa sociedade, muito pouco é investido no sujeito considerado louco, seu desejo e sua lógica não possuem valor capital e produtivo, seu modo singular de existência forçam a sociedade a rever suas acomodações. Ao corpo “louco” é destinado o abandono, o esquecimento, o medo e diversas formas de produzir contenção, e esse



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

desinvestimento é uma marca forte, refletida nos corpos em todos os seus aspectos: culturais, perceptivos, gestuais, afetivos e relacionais.

Tais questões, tão delicadas, não passam despercebidas no trato com esses sujeitos, sobretudo quando nos propomos a cuidar de seus corpos. Elas permeiam toda a investigação dessa pesquisa e criam um campo de possíveis onde se pode falar na desconstrução de padrões corporais e de movimentos num certo limite, no qual ao mesmo tempo que desconstrói hábitos criam-se outras bordas que dão condições de cada um cuidar-se a seu modo.

A partir desse esboço, torna-se importante a afirmação de processos criativos no campo das artes performativas também como potenciais processos cuidadores, que podem ser assim concebidos, entre outras particularidades, por implicarem na criação de recursos sensíveis, afetivos e relacionais que permitem a reconfiguração de padrões e normatividades daquilo que “cada corpo pode”; Ampliando fronteiras entre arte e vida em seu viés mais delicado: a potência de criar uma arte do vivido, do que se dá nas coisas simples e que são também, modos de desestabilizar, reconfigurar, torcer e “performar” o cotidiano e a rotina, em ações individuais e coletivas.

Performatividade compreendida aqui como ação no mundo, e sobretudo, como um engajamento ético, estético e político naquilo que consideramos modos de provocar, acolher, acionar ou mesmo “partilhar nossas estratégias de “criação”; nas mais diversas práticas com linguagens artísticas, inseridas no âmbito da cena ou não.

A partir daqui, parece importante desfazer um certo equívoco comum quando se tenta nomear determinados processos em artes que acessam coisas que escapam à ordem do entendimento, adquirindo um caráter de catarse ou de uma espécie de “cura”, algo que muitas vezes tem sido nomeado como terapêutico mesmo não estando referendado pela prática de um terapeuta mas sim pela prática de um artista.

Nesse trabalho, que não se propõe terapêutico, tenho assumido que faz parte do processo artístico criar possibilidades de acolher e transformar a partir de experiências estéticas capazes de mobilizar outras qualidades de olhar, de desejo, de



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

pertencimento, de escolhas. Das possibilidades de exercitar a criação na vida de todos os dias. Aqui a prática da dança passa a ser potencializadora de estratégias de cuidado de si, acionando trajetórias que vão muito além da obra ou do resultado final. São acontecimentos, vivências, processos que criam outros territórios subjetivos implicados em “um corpo a corpo com o real ou com realidades outras sociais” (FERNANDES, 2013), sem responder ao engodo do terapêutico e sem necessidades de resultados, posto que muitas vezes esses só podem ser medidos no encontro com cada corpo/criador envolvido.

Para esboçar tais sutilezas e o plano onde essa criação se dá segue uma série de narrativas também retiradas do Diário de Vivências.

“Me senti mais jovem fisicamente, me senti mais leve jovem”(usuário do CAPS)

“Muito bom para o espírito e para o corpo, pode dizer que estou menino no corpo e nas expressões corporais”(usuário do CAPS)

“Eu percebi que minha perna estava adormecida pro uso, só uma, não tinha peso nem vida e quando a gente fez o peso pro chão eu descobri isso, e na caminhada eu percebi que tenho que ser perseverante pra por força no pé e ganhar impulso pra ir adiante”(usuária do CAPS)

“Onde fica o apoio do meu olho todo dia é no chão porque é costume a gente só se olhar do espelho e não de outro jeito, daí quando eu tiro do chão eu cresço a minha mente pra outras coisas e vejo os outros e eu”(usuária do CAPS)

“É uma coisa de estímulo de não ter desgaste nas coisas do dia-dia mas a gente fica só pensando e não tem esse estímulo de ir se aceitando e melhorando a expressão de ter saúde”(Usuário do CAPS)

“Um momento libertador e relaxante. O corpo ficou mais solto e com a sensação até de que estou maior. Esticou tudo”(estagiária do CAPS)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Ao escolher outras qualidades para o encontros com aquilo que convencionalmente se chamou de loucura e aquilo que convencionalmente se chamou de dança, torna-se possível a criação de outras temporalidades e materialidades de vida, cunhadas em um esvaziar-se para desocupar o piloto automático do corpo em nome da retomada de uma presença singular. Trata-se de confiar no processo, aceitar o transitório e colocar-se em estado de (re)criar ação, concebendo cada gesto por vir um novo espaço de vida inexistente que se inaugura. A cada novo passo um mundo que se desloca, sem certezas, na impermanência daquilo que é o estar vivo.

É dessa familiaridade paradoxal com o informe e com a impermanência, vivida no próprio corpo e nas relações, que poderá surgir uma nova qualidade de ação e presença. (QUILICI, 2015, p.122)

Referências Bibliográficas:

BOURRIAUD, N. *Estética Relacional*. Martins Fontes, São Paulo, 2006.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Editora 34, São Paulo, 1992.

FABIÃO, E. *Performance e teatro - poéticas e políticas da cena contemporânea*. Revista sala Preta, V. 09, 2009.

FERNANDES, S. *Experiências do real no teatro*. Revista Sala Preta, V.13, n.2, 2013.

GODARD, H. e ROLNIK, S. *Olhar cego*. Entrevista com Hubert Godard Para "Lygia Clark, do objeto ao acontecimento: projeto de ativação de 26 anos de experimentação corporal", Paris, 21 de julho de 2004.

GODARD, H. *Espaço Fenomenológico*. Entrevista concedida à Caryn McHose 2005.

MILLER, J. *A escuta do Corpo – Sistematização da Técnica Klauss Vianna*. São Paulo. Summus editorial, 2007.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

MILLER, J. *Qual é o corpo que dança?* dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo, Summus editorial, 2012.

QUILICI, C. *O ator performer e as poéticas da transformação de si.* São Paulo. Annablume, 2015.

VIANNA, K. *A dança.* São Paulo, Summus editorial, 2005.

¹ A oficina se desenvolve no Centro de Atenção Psicossocial Antônio da Costa Santos (CAPS Toninho), localizado na cidade de Campinas- SP desde novembro de 2015 como campo prático da pesquisa citada. Ocorre semanalmente por 2 horas e é desenvolvida pela autora desse texto. Os usuário participantes são adultos de 18 a 60 anos, portadores de diversos tipos de transtornos mentais graves.

² Jussara Miller foi responsável pela organização, escrita e publicação da sistematização realizada por Rainer Vianna com a colaboração de Neide Neves. A autora é considerada uma das continuadoras do trabalho de Klauss e Rainer Vianna e desenvolve suas pesquisas e práticas no Salão do Movimento em Campinas-SP. A organização dessa sistematização resultou no livro “A escuta do Corpo” (MILLER, 2007).

³ A pesquisa citada se desenvolveu entre os anos de 2012 a 2014 no Departamento de Saúde Coletiva da FCM/UNICAMP e resultou na Dissertação de Mestrado “Corpo Fronteira: Clínica, dança, loucura – uma experiência”, disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000934579>

⁴ Os 7 tópicos citados fazem parte do Processo Lúdico da técnica Klauss Vianna conforme a sistematização de Rainer Vianna, Neide Neves e Jussara Miller, para mais informações ler MILLER, J. 2007.